

Por uma pedagogia espacial: Geografia e o pensamento freireano¹

For spatial pedagogy: Geography and freirean thought

Clézio dos Santos²

Resumo: O artigo objetiva refletir sobre ideias freirianas no ensino de geografia na perspectiva da pedagogia espacial. Pedagogia esta, em processo de construção ao longo das últimas décadas e muito embasada no pensamento de Paulo Freire e de outros pensadores críticos. A metodologia do trabalho é qualitativa, recorrendo às obras de referências de Paulo Freire e obras de geógrafos e educadores que teceram relações entre as contribuições freirianas e o ensino de geografia. Como educadores e professores de Geografia, devemos reinventar as ideias freirianas e manter sempre o diálogo aberto e potente com a educação geográfica, além do diálogo com a educação de jovens e adultos, a educação do campo e a educação ambiental. Esse é o desafio rumo à construção e efetivação da pedagogia espacial em nossas escolas, especialmente em tempos opressores como os que vivemos no Brasil, na América Latina e na África.

Palavras-chave: Pensamento freiriano. Ensino de Geografia. Formação de professores. Universidade. Pedagogia espacial.

Abstract: This article aims to reflect on the Freirean ideas in geography teaching from a spatial pedagogy perspective. This pedagogy has been developed in the last decades and is largely based on the thoughts by Paulo Freire and other critical thinkers. Its methodology is qualitative and based on Paulo Freire's reference works and others by geographers and educators who weave relationships between Freirean contributions and geography teaching. As geography teachers and educators, we must reinvent the Freirean ideas and always keep the dialogue open and constructive with geographic education, youth and adult education, rural education, and environmental education. This is the challenge towards the construction and implementation of a spatial pedagogy in our schools, especially in such oppressive times as these we are currently living in Brazil, Latin America, and Africa.

Keywords: Freirean thought. Geography teaching. Teacher training. University. Spatial pedagogy.

1. Agradecemos o apoio financeiro da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) por meio do Edital Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE) - Edital 2018 e Edital 2020.

2. Prof. Dr. Departamento de Educação e Sociedade do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Contato: cleziogeo@yahoo.com.br

Introdução

Em 2021 tivemos o centenário de Paulo Freire e toda área educacional, cujas bases estão alicerçadas numa perspectiva crítica e popular, comemoram, acima de tudo, as ideias do autor e a reinvenção dessas ideias na atualidade. Nesse sentido é que nosso texto caminha, procurando reinventar a partir das ideias do educador Paulo Freire, comemorar seu pensamento e refletir sobre suas contribuições para o Ensino de Geografia. Para tanto, recorreremos às pesquisas de geógrafos e educadores brasileiros que se debruçaram sobre as contribuições do pensamento freiriano na Educação Geográfica em diferentes momentos e retomamos o diálogo entre Paulo Freire e o geógrafo Milton Santos.

A pesquisa está ancorada no *Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia* (GEPEG) e na linha 2 *Território, Ambiente e Ensino de Geografia* do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO), ambos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). O GEPEG, devido ao período da pandemia da Covid-19, tem se reunido virtualmente desde maio de 2020, tendo como um dos referências de discussão a obra de Paulo Freire entre outros educadores críticos.

O objetivo do texto é refletir sobre as ideias freirianas no ensino de Geografia na perspectiva da pedagogia espacial, considerando que esta Pedagogia encontra-se em processo de construção ao longo das últimas décadas e é embasada no pensamento de Paulo Freire e de outros pensadores críticos. A metodologia adotada neste trabalho é qualitativa, recorrendo às obras de referências de Paulo Freire e a obras de geógrafos e educadores que teceram relações entre as contribuições freirianas e o ensino de geografia.

O texto está dividido em duas partes; na primeira, apresentamos e contextualizamos a pesquisa realizada entre 2000 e 2020 referente a textos de geógrafos e de educadores que teceram relações entre as contribuições freirianas e o ensino de geografia. Na segunda, apontamos algumas características do que denominamos de Pedagogia Espacial pautadas em Martinez (2012), Cruz (2012, 2014) e Santos (2018).

O pensamento freiriano e sua relação com o ensino de geografia por meio de publicações entre 2000 e 2020

Selecionamos 33 trabalhos escritos entre 2000 e 2020 - considerando duas dé-

cadadas de produção - que tecem a relação do pensamento freiriano no ensino de Geografia. Os trabalhos são identificados por: nome(s) do(s) autor(es), ano de publicação, título da publicação, tipo de publicação/local de publicação e tema(s). Os resultados obtidos foram organizados num quadro síntese, onde foi possível analisar as tipologias e categorias, a identificação do lugar de publicação (estado ou país) e os temas abordados.

Em relação ao lugar da publicação, identificamos os estados brasileiros e apenas uma publicação feita em outro país (Portugal). No conjunto, dos 33 trabalhos, 39% foram publicados no Rio de Grande do Sul; 15% no estado de São Paulo; 12% no estado do Ceará; 9% no Rio de Janeiro e 25% em outros estados (Alagoas, Bahia, Goiás, Minas Gerais e Paraná) e um em Portugal. Destaca-se o Rio Grande do Sul pelo número de trabalhos, inclusive a única tese de doutorado nesta temática, defendida pela professora Claudete Robalos da Cruz no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFFel) em 2014. Destacamos que, apesar do recorte e seleção de trabalhos para a pesquisa (2000 a 2020), acreditamos que, devido à comemoração dos 100 anos de Paulo Freire, outros textos serão publicados em 2021.

Quando falamos em tipologia, dividimos os trabalhos em seis categorias (Doutorado, Ms - Mestrado, M - monografia, L - Livro e capítulo de livro, A - Artigo e T - Trabalho completo e resumo expandido). Dentre os 33 trabalhos selecionados, 40% foram artigos; 36% trabalhos completos e resumos expandidos; 15% livros e capítulos de livros e 9% os trabalhos acadêmicos de defesa como doutorados, mestrados e monografias. O predomínio dos artigos está associado ao aumento de possibilidades de publicação com o aumento de periódicos em Educação e em Geografia nas últimas décadas.

Os temas explorados foram divididos em 5 (A - Diálogo entre Paulo Freire e Milton Santos; B - Políticas Educacional; C - Conceitos; D - Educação do Campo; e E - Educação de Jovens e Adultos). Porém os temas apareceram em sua maioria de forma conjunta, e os consideramos em sua duplicidade. Dentre os trabalhos analisados, 58% centraram-se nos temas Diálogo entre Paulo Freire e Milton Santos e Conceitos, sem dúvida dois grandes intelectuais brasileiros, um educador e outro geógrafo; 15% debruçaram-se na discussão dos Conceitos; 12% dos textos aprofundaram a discussão sobre os conceitos freirianos e Educação de Jovens e Adultos; 9% Conceitos e Políticas Educacionais, onde podemos destacar além da discussão da Geografia, a preocupação com a formação de professores; e 6% em Políticas Educacionais e Educação do Campo. Tanto a Educação de Jovens e Adultos como a Educação do Campo merecem outro trabalho sobre um olhar mais detalhado nestas modalidades educacionais.

Dentre os autores que se utilizam e/ou propõem diálogo entre Paulo Freire e Milton Santos, o fazem a partir de conceitos chave e em diferentes perspectivas. Também aparecem trabalhos que ampliam o diálogo com outros autores como Jean Jacques Rousseau, nos trabalhos de Pitano, e Noal (2005, 2009).

No campo conceitual destacam-se os autores: Ghiggi, Pitano e Noal (2005), Suess e Leite (2017), Queiroz e Silva (2017), Santos (2018) e Noal e Pitano (2019), destacando os conceitos freirianos e a Educação de Jovens e Adultos; os Conceitos e as Políticas Educacionais, Políticas Educacionais e Educação do Campo. Uma análise interessante, encontramos no trabalho de Pitano e Noal (2017), onde os autores procuram identificar a Geografia em Freire e os autores optam por dois procedimentos complementares.

De um lado, rastrear conceitos da ciência geográfica ao longo de sua obra, como espaço, lugar, território e região, além dos diferentes usos do vocábulo geografia. De outro, compreender as marcas implícitas ou explícitas das várias maneiras com que realiza uma abordagem afim com intencionalidades, métodos e concepções da Geografia. Mesmo de maneira preliminar, acreditamos que os dois caminhos permitem sustentar a afirmação de uma Geografia presente na obra de Paulo Freire. (PITANO e NOAL, 2017, p.84).

Para a análise dos conceitos, os referidos autores consideraram as seguintes obras de Paulo Freire, totalizando dezesseis: *Ação cultural para a liberdade, A importância do ato de ler, Cartas a Cristina, Cartas a Guiné-Bissau, Conscientização, Educação e mudança, Extensão ou comunicação, Medo e ousadia, Pedagogia da autonomia, Pedagogia da esperança, Pedagogia da indignação, Pedagogia: diálogo e conflito, Pedagogia do oprimido, Política e educação, Por uma Pedagogia da pergunta e Professora sim, tia não*. Pitano e Noal (2017) apresentam um quadro onde sintetizam os resultados obtidos.

De acordo com Pitano e Noal (2017) embora a utilização dos termos normalmente não esteja diretamente associada ao significado conceitual da ciência geográfica, de acordo com o quadro demonstrativo as obras *Cartas a Cristina, Pedagogia da Esperança e Cartas a Guiné-Bissau*, respectivamente, seriam as mais “geográficas” de Freire.

Como exemplo de uso não relacionado ao conceito geográfico, lugar, várias vezes aparece como sinônimo de “em vez de” (em lugar de). A palavra “Geografia” aparece às vezes como campo do saber científico e disciplina na escola; descrição física dos contextos vividos, e, mais enfaticamente, na narrativa em que relaciona a experiência da fome com o ensino de uma Geografia enfadonha na escola: (PITANO e NOAL, 2017, p.85).

A geografia para Freire se materializa pela memória dos contextos vividos relatados em seus textos.

Lembrava-me do tempo que gastava dizendo e redizendo, olhos fechados, caderno nas mãos: Inglaterra, capital Londres, França, capital Paris. Inglaterra, 'capital Londres. "Repete, repete que tu aprendes", era a sugestão mais ou menos generalizada no meu tempo de menino. Como aprender, porém, se a única geografia possível era a geografia de minha fome? A geografia dos quintais alheios, das fruteiras - mangueiras, jaqueiras, cajueiros, pitangueiras -, geografia que Temístocles - meu irmão imediatamente mais velho do que eu - e eu sabíamos, aquela sim, de cor, palmo a palmo (FREIRE, 2003, p.42).

Essa poderosa Geografia se materializa como dimensões de possibilidade que se fazem a partir da conjuntura espaço-temporal.

O homem e a mulher fazem a história a partir de uma dada circunstância concreta, de uma estrutura que já existe quando a gente chega ao mundo. Mas esse tempo e esse espaço têm que ser um tempo-espaço de possibilidade, e não um tempo-espaço que nos determina mecanicamente (FREIRE, 2006, p.90).

Esse tempo-espaço se enraíza nas teorias humanistas de Paulo Freire e, quando aplicadas ao ensino de conhecimentos geográficos, contribuem para um processo de ensino-aprendizagem que:

[...] leve os alunos a compreender em melhor a si mesmo e o mundo em que vivem, não menosprezando os aspectos cognitivos, afetivos, físicos, éticos, estéticos que possam interferir no exercício da cidadania e de uma atuação e inserção social mais consciente e humanista. Em termos mais específicos, essas teorias permitem levar os discentes a se reconhecerem como sujeitos atuantes no espaço por meio do lugar, compreendendo as aparências, ausências e múltiplas manifestações dos fenômenos geográficos (SUESS e LEITE, 2017, p. 103).

Sem dúvida, uma geografia que permite a análise geográfica na leitura de mundo; esse é o desafio colocado aos que ensinam e aos que pesquisam a Ciência Geográfica.

Uma Geografia articulada aos interesses da maioria da população e aos interesses concretos do povo será uma Geografia compromissada que denominaremos "Geografia Contextualizada". O contexto será a mediação entre a Geografia Universitária e a Geografia Escolar, uma relação entre teoria e prática, entre os conhecimentos de base empírica, de senso comum e os saberes alicerçados em bases científicas.

Paulo Freire abre a trilha em direção à libertação, através da "palavra mundo", da palavra carregada de sentido social, do gosto pelo mundo, das experiências de vida, do conhecimento popular, da realidade, da cultura dos envolvidos no processo educativo. Os espaços dos quais serão retiradas as "palavras mundo", serão os espaços mais próximos e que constituem as categorias básicas da Geografia: a paisa-

gem, o território e o lugar (VALE e MAGNONI, 2012, p.105).

O ensino de geografia deve explicar o mundo no que ele é. Isso faz da linguagem da geografia uma linguagem por excelência colada justamente a esse dado real do mundo. A aproximação das ideias freirianas ao pensamento de Milton Santos potencializa ainda mais a Geografia e seu ensino na escola básica, conforme expuseram os autores, cujo diálogo exploraremos a seguir.

Tecer um diálogo entre Paulo Freire e Milton Santos é um grande desafio, ao qual Berino e Silva (2010) intitulam “cruzar uma fronteira”. De fato concordamos com os autores, este diálogo é sim cruzar uma fronteira. Paulo Freire e Milton Santos tocaram-se em uma estimulante zona de ideias, de pensamentos e proposições. Todavia, a lembrança dos dois autores juntos não é inédita e podemos ver que é o caminho seguido por inúmeros pesquisadores, sejam eles da área de Geografia ou da área da educação. Porém, mas mesmo com essas leituras, as possibilidades são infinitas. Destacamos uma origem dessa aproximação:

No prefácio escrito por Ladislau Dowbor (2006: 13) para o livro de Paulo Freire *À sombra desta mangueira*, Milton Santos é citado. Menção relativa à questão da atual globalização, mas, sobretudo, à circunstância e ao ensejo urgente do laço e da ligação. Diz Ladislau Dowbor: “Na expressão feliz de Milton Santos, ‘o que globaliza, separa; é o local que permite a união’”. Depois pergunta: “Como reconstruir a solidariedade humana, objetivo radical no raciocínio de Paulo Freire?” Milton Santos, portanto, aqui vem à tona para despertar o leitor deste torpor que frequentemente acompanha os processos da globalização: a indiferença - resultado dos mecanismos (frios) de racionalização que operam na edificação da “sociedade global”. É o risco da globalização dirigida pelo império dos interesses econômicos. Reagindo a esse estilhaçamento, religando os interesses sociais, na perspectiva da qualidade do que é comum, está o “local”. É a partir desta plataforma que se dá a vital solidariedade (BERINO e SILVA, 2010, p.).

Esse diálogo apontado por Ladislau Dowbor (2006) acabou sendo um convite para pesquisadores que procuravam uma aproximação mais direta entre as perspectivas desses dois autores. Vamos a seguir explorar as vivências biográficas comuns a Milton Santos e Paulo Freire, ainda que suas vidas não estivessem relacionadas diretamente³.

Paulo Freire nasceu em Pernambuco, na cidade de Recife, em 1921. Milton Santos nasceu na cidade de Macaúbas, Bahia, em 1926. Os dois nasceram na mesma região

3. Ao longo desta pesquisa não foi possível localizar nenhuma citação realizada por eles a respeito da vida ou obra do outro.

do país(nordeste) e pertenceram a uma mesma geração de intelectuais. A escolarização foi uma vivência particularmente marcante para ambos. Conheceram a situação do exílio após o golpe militar de 1964 e, em decorrência, atuaram em vários continentes. No retorno ao país se fixaram profissionalmente em universidades em São Paulo. Paulo Freire faleceu em 1997 e Milton Santos em 2001. Ambos deixaram uma obra vasta e importante para a cultura brasileira. São também conhecidos em vários países e suas obras foram publicadas em várias línguas. Estão entre os intelectuais brasileiros mais conhecidos no mundo, considerados referências para pensar os desafios da contemporaneidade e do próprio futuro do Brasil e do mundo.

Segundo Pitano de Noal (2017), leituras introdutórias revelam a presença de conceitos e mesmo de uma concepção metodológica ao referir-se diretamente ao ensino de geografia. Após uma análise mais aguçada, pensamos que é possível demonstrar a Geografia que permeia os escritos freirianos. Em termos de postura teórica e metodológica, há um nítido encontro entre a pedagogia de Freire, chamada Educação Problematizadora e a Geografia Crítica, de base marxista, da qual Milton Santos é um dos principais expoentes.

O geógrafo Milton Santos é considerado um dos mais eminentes estudiosos da geografia brasileira. Introduziu o pensamento geográfico no centro do pensamento social do país, deu visibilidade à geografia brasileira e aos geógrafos latinos. Teve que se exilar em 1964, em função da situação do país e sua ligação com as atividades políticas junto à esquerda, iniciando uma carreira internacional, que culminou com trabalhos na França, Canadá, Estados Unidos, Venezuela e Tanzânia, retornando ao Brasil somente em 1977. É autor de inúmeros livros e artigos, publicados no Brasil e no exterior. Em suas pesquisas está efetivamente preocupado em compreender e analisar as transformações socioespaciais com rigor investigativo. Escreveu obras dotadas de complexidades, uma verdadeira teoria geográfica do espaço, que apresenta diferentes fases e faces e requer ainda muita reflexão (NASCIMENTO e ALBUQUERQUE, 2017, p.68-69).

De acordo com Machado (2014), a obra de Milton Santos pode ser dividida em três fases balizadas no ambiente que ele ocupava. As fases serão descritas a seguir, e podem ser visualizadas no mapa construído por Nascimento e Albuquerque (2017) onde os autores apresentam graficamente a biografia de Milton Santos.

A primeira fase (1948-1960) se refere ao período em que o autor residia na Bahia. Nesse momento sua produção apresenta forte característica regionalista se destacando desse período seu livro, *A zona do Cacaú: introdução ao estudo geográfico*, enfocando as transformações socioespaciais em Ilhéus e, também, outros trabalhos de análise mais regionalista tais como: *O povoamento da Bahia: suas causas econômicas*, *Ubaitaba: estudo de*

Geografia urbana, Rede Urbana do Recôncavo, entre outros.

Na segunda fase (1965-1987), a obra de Milton Santos, no exílio, passa a apresentar características mais cosmopolitas. Nesse período aparecem obras nas quais o autor se debruça sobre assuntos de escala mais ampla, tais como: *O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo, Por uma Geografia Nova, O Espaço do Cidadão*, entre outras. Em 1988, reconhecido internacionalmente, e após trabalhar como professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro, o geógrafo passou a lecionar na USP com uma noção de “cidadão do mundo”, dando início à terceira fase de sua produção, preocupando-se em elaborar uma síntese do mundo conforme apontam trabalhos como *A Natureza do Espaço e Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI*.

De acordo com Nascimento e Albuquerque (2017), o educador Paulo Reglus Neves Freire, por seu empenho em ensinar os mais pobres, tornou-se uma inspiração no campo da educação, no Brasil e em outros países do mundo. Foi o mais notável e importante pedagogo e educador brasileiro, ganhando destaque mundo afora, sendo reconhecido por suas diversas obras no campo da educação, conforme Nascimento e Albuquerque (2017) expressam no mapa biográfico do educador Paulo Freire.

O legado de Paulo Freire em ideias e obras está sempre nas discussões mais atuais no campo da educação tanto no Brasil com no exterior. Suas primeiras experiências aconteceram no Rio Grande do Norte, em 1963, quando ensinou 300 adultos a ler e a escrever em 45 dias. Seu projeto educacional estava vinculado ao nacionalismo desenvolvimentista do governo João Goulart, mas sua carreira no Brasil foi interrompida pelo golpe militar de 31 de março de 1964.

Em 1980, depois de 16 anos de exílio, retornou ao Brasil, onde escreveu dois livros tidos como fundamentais em sua vida acadêmica: *Pedagogia da Esperança* (1992) e *À Sombra desta Mangueira* (1995). Lecionou na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Em 1989 foi secretário de Educação no Município de São Paulo no governo Luíza Erundina. Após sua passagem pelo poder executivo, continuou a se dedicar, discutir e a escrever sobre Educação Formal, o que o levou, em 1996, a publicar seu último livro, *Pedagogia da Autonomia*.

Os autores Nascimento e Albuquerque (2017, p.72) comentam que a análise do processo de globalização exposta em Santos (2004), com o perverso alastramento dos males do mercado e o espaço como instância da sociedade, coaduna, em certa medida, com os pressupostos de Paulo Freire nos livros *Pedagogia do Oprimido e Política e Educação*. Há uma preocupação desses autores em combater as desigualdades sociais,

econômicas, políticas e culturais, geradas por essa perversa globalização, que segrega os cidadãos.

De início, ao propormos a aproximação entre essas duas figuras elogiáveis do campo da Educação e da Geografia, é importante salientar a aproximação histórica que suas biografias trazem. Nordestinos, esses dois expoentes foram presos em 1964 pelo regime militar, o primeiro por ter uma vida política ativa e estar ligado a movimentos de esquerda e o segundo porque enxergava na educação um percurso rumo à conscientização crítica das classes mais desfavorecidas - visão que soava como germe de comunismo por parte do regime autoritário.

Não há uma lógica excludente em transformar o mundo, objeto de análise do geógrafo Milton Santos, e transformar o indivíduo, objetivo do pedagogo Paulo Freire. Uma é pré-condição para a outra. A mudança global, seja em qual instância for, é, na verdade, fruto de uma alteração significativa no comportamento individual do ser humano. Por outro lado, a mudança na escala do ser humano só pode ser assim encarada se for capaz de produzir mudanças significativas, mudanças materializáveis (NASCI-MENTO e ALBUQUERQUE, 2017, p.79).

Por uma Pedagogia Espacial

A construção da Pedagogia espacial pode se ancorar nos trabalhos que se utilizam e/ou que propõem o diálogo entre Paulo Freire e Milton Santos a partir de conceitos chave, totalizando 16 trabalhos dentre os 33 selecionados, sendo cerca de 50% do material analisado. Martinez (2012) e Cruz (2012, 2014) denominam essa relação de pedagogia do espaço.

Os trabalhos tecem profundos e ricos diálogos entre os dois autores, com diferentes perspectivas, porém destacamos a tese de doutorado da geógrafa Claudete Robalos da Cruz denominada *Paulo Freire e Milton Santos: Fundamentos para uma Pedagogia do Espaço*, defendida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPe) em 2014. Neste trabalho a autora trilha um rico e poderoso caminho rumo a um ensino da Geografia crítica, fundamentado no diálogo entre Paulo Freire e Milton Santos.

Os movimentos de pesquisa empreendidos neste estudo - *observação, reflexão, interpretação e sistematização*- dialeticamente relacionados configuram a presente tese como uma construção pessoal e acadêmica ancorada sobre a realidade e os pressupostos científicos. Situando-a

como uma pesquisa qualitativa quanto ao objeto de estudo (elementos teóricos e metodológicos viabilizadores de uma pedagogia do espaço) estando inserida no campo das ciências humanas; e bibliográfica quanto aos procedimentos técnicos (análise de fontes bibliográficas: livros, revistas, publicações) (CRUZ, 2014, p.75).

O caminho trilhado por Cruz (2014) pode visto no esboço do percurso metodológico rumo à sistematização da Pedagogia do Espaço, termo utilizado também por Martinez (2012), porém optamos por denominar de Pedagogia Espacial e destacamos ser uma metodologia muito importante no ensino de Geografia na escola básica, um caminho que atrela diretamente as ideias de Paulo Freire às ideias de Milton Santos. Em seguida, a referida pesquisadora apresenta a espacialidade enquanto realidade objetiva, instância social e fator de evolução da sociedade na teoria espacial miltoniana e por fim, apresenta os pressupostos da pedagogia do espaço, situando a espacialidade enquanto matriz pedagógica, a partir de uma síntese dos fundamentos das teorias em questão.

Algumas obras se destacam na construção da espacialidade com dimensão formativa na teoria pedagógica freiriana entre elas se destacam *Pedagogia do Oprimido* (1987); *Pedagogia da Autonomia* (2010); *Pedagogia da Esperança* (2001); *A sombra desta Mangueira* (1995); *Cartas a Guiné-Bissau* (1978) e *Educação na Cidade* (1991) nas quais se constatou a presença e a relevância da dimensão espacial na teoria pedagógica freiriana.

Para Cruz (2014, p.80), “o entorno imediato constituiu a identidade de Paulo Freire enquanto cidadão brasileiro. As lembranças do lugar serviram como referência espacial que basilaram suas andarilhares pelo mundo”. Freire nos apresente sua pedagogia como uma proposta de educação aos explorados, aos esfarrapados do mundo, pois, tem como missão, além ampliar conhecimentos destes, oportunizar um ambiente de convivência em que estes pudessem se expressar, dizer a sua palavra. Dizer a palavra significa:

[...] o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar. Como tal, não é o privilégio de uns poucos com que silenciam as maiorias. É exatamente por isto que, numa sociedade de classes, seja fundamental à classe dominante estimular o que vimos chamando de cultura do silêncio, em que as classes dominadas se acham semimudas ou mudas, proibidas de expressar-se autenticamente, proibidas de ser (FREIRE,1978, p.49).

Do mesmo modo, a educação dominante proíbe os estudantes de ser, de dizer a sua palavra, trata-os como objetos, coisas, através de seus métodos e objetivos. O dizer a palavra implicam também a dizer seu mundo. Nesse sentido, a teoria pedagógica freiriana, dentre outros objetivos, centraliza-se na necessidade da formação do sujeito crítico, atuante e ativo no contexto social em que está inserido. Caracterizando a di-

menção espacial, Cruz (2014) afirma:

Neste aspecto, considera-se também que o espaço geográfico apresenta-se como importante elemento no processo de formação do homem-sujeito. Diante disso, configura-se como uma das tarefas do sujeito historicamente situado a busca pelo entendimento do seu contexto social, histórico, cultural e espacial, a partir do lugar onde está inserido. Isso requer, além de apreensão da leitura da palavra, uma leitura crítica da realidade e do mundo.(CRUZ, 2014, p.88).

O geógrafo Milton Santos (1996) nos oferece elementos analíticos para compreender a espacialidade por meio da análise das suas formas, estrutura, processos e funções. Esses elementos analíticos possibilitam a efetivação de uma educação libertadora. Em sua obra *Espaço e Método* (2008) descreve os seguintes elementos que constituem o espaço: os homens, as firmas, as instituições, o chamado meio ecológico e as infraestruturas. Para o autor, o homem, independente das condições sociais em que se encontra, constitui elemento do espaço, “seja na qualidade de fornecedores de trabalho, seja na de candidatos a isso, trata-se de jovens, de desempregados ou de não empregados” (SANTOS, 2008, p.16). Para Santos, o estudo das interações desses elementos é fundamental, para recuperar a totalidade social, e chegar-se à realidade concreta.

Para Cruz (2014) esses elementos (homens, instituições, firmas, meio ecológico e infraestrutura em processo de interação) irão produzir no espaço funções específicas formas distintas, estruturas próprias. De acordo com Cruz (2014, p.98):

A dimensão espacial é elemento significativo no processo de aprendizagem enquanto ato de conhecimento da realidade concreta. Uma vez que, a não problematização das formas espaciais, e a consequente exclusão da experiência espacial do aluno irá configurar-se numa questão política.

O estudo das interações entre os elementos que constituem a espacialidade num determinado lugar permite compreender a atuação da totalidade social. Essa totalidade espacial deve considerar também a temporalidade, porque em cada época, as variáveis são portadores de novas tecnologias e de novos sentidos.

Cruz (2012, 2014) nos permite, a partir da síntese das teorias dos dois autores que foram elencados, compreender alguns conceitos fundamentais que permeiam as relações pedagógicas no cotidiano escolar, que se configuram em pressupostos imprescindíveis para a constituição de situações de aprendizagens crítica e emancipadoras e essenciais para situar o espaço geográfico e suas espacialidades enquanto “espacialidades que educam”.

Considerações Finais

A pedagogia do espacial constituiu-se uma proposta teórico-metodológica, objetivando reconhecer o espaço geográfico como importante matriz formadora. Para viabilizar as condições teóricas no contexto da práxis educativa, o educador deve reconhecer as espacialidades dos sujeitos de aprendizagem, constituindo, assim, as condições educativas para se efetivar uma pedagogia espacial, como conhecimento da realidade espacial concreta. Dessa maneira a pedagogia espacial institui-se como relevante construção teórica e metodológica para efetivação da aprendizagem como ato de conhecimento da realidade concreta, configurando-se numa importante contribuição da ciência geográfica à educação.

O debate, reflexão e uso das ideias freirianas na educação e, em especial, no ensino de Geografia devem ser reinventadas constantemente, reforçando o potencial dessas ideias, principalmente em momentos em que as políticas educacionais trabalham mais a favor dos opressores e menos a favor dos oprimidos, neste momento sem dúvida nossa resistência se efetiva por meio de um Educação Libertadora.

Resta-nos, enquanto pesquisadores comprometidos com o ensino de Geografia e com a educação crítica brasileira, tecer propostas para trilhar. No Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de Geografia (GEPEG) propomos ampliar nossa agenda voltada aos estudos críticos no contexto educacional e no ensino de Geografia, incluindo a leitura e o estudos de outros textos de Paulo Freire e outros educadores e geógrafos críticos. Já a linha 2, Território, Ambiente e Ensino de Geografia no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, procura ampliar e fomentar a oferta de disciplinas e atividades sobre o ensino de Geografia pela perspectiva crítica, reflexiva e analítica, bem como orientar pesquisas no nível de mestrado.

Como educadores e professores de Geografia devemos reinventar as ideias freirianas e manter sempre o diálogo aberto e potente com a educação geográfica, além do diálogo com a educação de jovens e adultos, a educação do campo e a educação ambiental. Esse é o desafio rumo à construção e efetivação da pedagogia espacial em nossas escolas, especialmente em tempos opressores como os que vivemos no Brasil, na América Latina e na África. Devemos aprender com Paulo Freire e esperar por tempos melhores, mas esses só virão com a prática transformadora.

Referências

- BERINO, Aristóteles; SILVA, Monique. Paulo Freire e Milton Santos: aproximações, seduções. CAMPOS, Marília Lopes de; SOUZA, Lana Cláudia Fonseca de (Org.). **Oficinas de ensino: III Semana Paulo Freire da UFRRJ**. Seropédica: EDUR, 2010. p. 119-127.
- CRUZ, Claudete R. da. **Paulo Freire e Milton Santos: Fundamentos para uma Pedagogia do Espaço**. Doutorado em Educação. Universidade Federal de Pelotas. 2014.
- CRUZ, Claudete. R; GHIGGI, Gomercindo. Apontamentos acerca do significado de cidadania e da formação do cidadão na perspectiva de Paulo Freire e Milton Santos. **Revista Dialectus**, v. 1, p. 188-203, 2013.
- FREIRE, Paulo, **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 52. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, Paulo, **Educação como prática da liberdade**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- FREIRE, Paulo, **Pedagogia do oprimido**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- GHIGGI, Gomercindo.; PITANO, Sandro C.; NOAL, Rosa Elena. Paulo Freire, Rousseau e a Geografia: reflexões sobre a Educação Ambiental. **Anais. 7º Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire**, 2005, pp. 1-10.
- MARTINEZ, Cesar A. F. Por uma Pedagogia do Espaço. **Boletim Gaúcho de Geografia**, 39: 75-84, jul, 2012.
- NASCIMENTO, Júlio C. D.; ALBUQUERQUE, Enderson A. A. Educação para transformar as pessoas do mundo, Geografia para mudar o mundo das pessoas: aproximações teóricas entre Paulo Freire e Milton Santos. **Revista Geosaberes**, vol. 8, núm. 15, pp. 67-80, 2017.
- PITANO, Sandro C.; NOAL, Elena N. Paulo Freire e a Geografia: diálogos com Milton Santos. **Geografia: Ensino & Pesquisa**. V.21, n.1. Jan./Abr.2017.
- PITANO, Sandro de Castro & NOAL, Rosa. **Horizontes de diálogo em educação ambiental: contribuições de Milton Santos, Jean-Jacques Rousseau e Paulo Freire**. *Educ. Rev.* [online]. vol.25, n.03, 2009.
- QUEIROZ, Ana Paula T; SILVA, Wagner S. O ensino de geografia na perspectiva freireana: um diálogo possível? **Anais. IV Congresso Nacional de Educação**, 2017, pp.1-10.
- SANTOS, Clézio. Prática e vivência na didática freiriana no ensino superior de geografia. 1 ed. DICKMANN Ivo e DICKMANN Ivanio (Org.). **Pedagogia da Partilha: relatos de educadores e educadoras sobre suas experiências com a didática freiriana**, São Paulo, Editora Dialogar, 2018, pp.47-56.
- SANTOS, Clézio. Contribuições e diálogos das ideias freirianas no ensino de geografia: por uma pedagogia espacial. DICKMANN Ivanio (Org.). **Paulo Freire Vive**. .1 ed. Veranópolis, Diálogo Freiriano, 2021, pp.47-70.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. Hucitec, São Paulo, 1996.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 1 ed. São Paulo, Nobel, 2008.

SUESS, Rodrigo Capelle; LEITE, Cristina Maria Costa. Paulo Freire e humanismo em educação: contribuições a partir de uma perspectiva geográfica. **Revista Geosaberes**, Fortaleza, v. 8, n. 16, p. 94 - 105, set. 2017. ISSN 2178-0463. Disponível em: <http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/598>. Acesso em: 26 fev. 2018.

VALE, José M. F.; MAGNONI, Maria G. M. Ensino de Geografia, desafios e sugestões para a prática educativa escolar. **Ciências Geográficas**, vol. XVI (1), jan./dez. 2012, pp.102-110.

Recebido em 05 de abril de 2022

Aceito em junho de 2022